

CINEMATECA PORTUGUESA – MUSEU DO CINEMA

18 de junho de 2024

REALIZADORES CONVIDADOS: REGINA GUIMARÃES & SAGUENAIL

SESSÃO “HABITAR, DESABITAR”

ONE WEEK / 1920

Um filme de Buster Keaton

Realização e Argumento: Buster Keaton, Edward F. Cline (Eddie Cline) / **Fotografia:** Elgin Lessley / **Interpretação:** Buster Keaton, Sybil Seely, Joe Roberts

Produção: Joseph M. Schenk / **Cópia:** DCP, preto e branco, muda, com intertítulos em inglês, legendas em castelhano, e legendas eletrônicas em português / **Duração:** 25 minutos / **Estreia Mundial:** 7 de setembro de 1920

HAMSORAYAN / 1982

(“O Coro”)

Um filme de Abbas Kiarostami

Realização e Montagem: Abbas Kiarostami / **Argumento:** M. J. Kahnamui / **Fotografia:** Ali Reza Zarindast / **Interpretação:** Yusef Moqqadam, Ali Ashgari, etc.

Produção: Kanun / **Cópia:** DCP, a cores, falada em persa, com legendas em inglês, e legendas eletrônicas em português / **Duração:** 17 minutos

ÂNGULO MORTO / 2010

Um filme de Regina Guimarães

Realização: Regina Guimarães / **Montagem:** Regina Guimarães e Saguenail / **Música:** Três Tristes Tigres / **Interpretação:** Regina Guimarães, Tiago Afonso, Manuela Bacelar (vozes)

Produção: Hélastre (Porto) / **Cópia:** DCP, a cores, falada em português / **Duração:** 31 minutos / *Primeira apresentação na Cinemateca*

CUBISMO DE SALÃO / 2019

Um filme de Regina Guimarães

Realização: Regina Guimarães / **Montagem:** Regina Guimarães e Saguenail / **Imagem:** João Costa Espinho, Regina Guimarães e Saguenail / **Música:** György Ligeti, Sippal Dobbal Nádihegedüvel e Poema Sinfónico para 100 Metrónomos

Produção: Hélastre (Porto) / **Cópia:** DCP, a cores, falada em português / **Duração:** 24 minutos / *Primeira apresentação na Cinemateca*

TRABALHO DE PRESENÇA / 2022

Um filme de Regina Guimarães

Realização: Regina Guimarães / **Montagem e Imagem:** Regina Guimarães, Maio Afonso

Produção: Hélastre (Porto) / **Cópia:** DCP, a cores, falada em português / **Duração:** 12 minutos / *Primeira apresentação na Cinemateca*

GUIA / 2023

Um filme de Regina Guimarães

Realização: Regina Guimarães / **Montagem:** Regina Guimarães e Saguenail / **Imagem:** Margarida Rodrigues

Produção: Hélastre (Porto) / **Cópia:** DCP, a cores, falada em português / **Duração:** 7 minutos / *Primeira apresentação na Cinemateca*

MESHES OF THE AFTERNOON / 1943m

Um filme de Maya Deren e Alexander Hammid

Argumento e Montagem: Maya Deren; **co-realização** de Alexander Hammid / **Fotografia:** Alexander Hammid / **Música:** Teiji Ito (acrescentada em 1959) / **Interpretação:** Maya Deren, Alexander Hammid.

Cópia: 16mm, preto e branco, sem diálogos / **Duração:** 14 minutos / **Estreia mundial:** Nova Iorque (cinema Provincetown Playhouse), 1946, juntamente com At Land e A Study for the Choreography of the Camera (ambos de Maya Deren), num programa intitulado Three Abandoned Films

Sessão com a presença de Regina Guimarães e Saguenail

A inaugurar esta sessão, as desventuras de um noivo (Buster Keaton) que, durante uma semana (ONE WEEK), tenta montar uma casa pré-fabricada seguindo a ordem estabelecida por um conjunto de caixas. Nos seus desajeitados movimentos rigorosamente coreografados, Keaton enfrenta uma série de cômicas peripécias que desafiam a construção dessa habitação nupcial – ameaçada pela mão do seu astuto rival, pela força da natureza e, finalmente, por um veloz comboio em movimento. A cada tentativa de a *ocupar*, essa casa vai cedendo à sua autodestruição, desafiando continuamente a sua função pré-estabelecida, até à ameaça final de destruição total.

Dessa construção *precária*, absurda escultura burlesca, passamos às casas de “fachada aburguesada” do Porto, que escondem traseiras “mais ingênuas e irremediavelmente vividas”. Nesses ângulos mortos, espaços que ultrapassam o campo de visão daqueles que passeiam e passam pelas ruas da cidade, escondem-se indícios de longas e ricas presenças, *espaços, detalhes, elementos, objetos. Objet trouvé*, no sentido literal, que revelam e ressaltam ao olhar fantasioso e perscrutador do observador, mostrados em diversos planos em que assumem primazia e sugerem uma onírica inquietação misteriosa. O olhar curioso desse devaneante observador, prolongado pela objetiva da câmara, joga com as possibilidades da máquina, os ângulos, os movimentos, as distâncias, numa incessante exploração curiosa dos espaços, do que se esconde para lá do seu misterioso abandono e da sua ocupação pela indomável natureza.

Em ÂNGULOS MORTOS, a casa assume-se como espaço doméstico, mas não *domesticado*, que se transmuta em sonhos e pesadelos, escapando continuamente a qualquer tentativa de completa dominação. “Sonho muitas vezes com casas. As que conheço e as que não conheço. Nas que conheço, descubro, por acaso, mas sem que isso pareça pesadelo, aposentos nunca antes visitados”. Assim também em MESHES OF THE AFTERNOON, a casa enquanto “lugar doméstico, mas de pesadelo onde os objetos inanimados se exprimem e as pulsões inconscientes se cumprem como uma alucinação”¹ A casa não tanto como espaço de *fechamento*, clausura, *segurança e certeza*, mas como ponto de partida para a fantasia, para a vida. Habitar implica um processo ativo e dinâmico de ocupação e vivência do lugar, em que o espaço e os seus elementos se transformam continuamente adquirindo e revelando novos significados.

Em HAMSORAYAN/THE CHORUS, a casa apresenta-se como espaço de autopreservação contra o incessante e insuportável ruído das ruas. O som traça as fronteiras definitivas entre a relação com o *outro*, e a alienação e o *desligamento* social (neste caso, literal, quando o homem desliga deliberadamente o seu aparelho auditivo) com a sua conseqüente clausura no espaço doméstico. A casa revela-se, assim, como espaço de isolamento, logo, de negação de uma determinada forma de vivência social, que é componente essencial dessa mesma experiência do habitar. Simultaneamente, a casa configura-se como um porto seguro, em que o sujeito decide *quem* pode entrar na sua intimidade e ocupar o seu espaço, um lugar de abertura seletiva, de acolhimento das netas e das outras crianças que em solidariedade se unem em coro para chamar o avô.

O abandonado bairro Burj Al Babas – que vemos em TRABALHO DE PRESENÇA -, projeto residencial com cerca de setecentas casas em forma de palacete, construído na Turquia, revela o inevitável falimento do ridículo empreendimento burguês. Na crise habitacional atual, até as ruínas de casas devolutas e abandonadas têm fachadas

¹ Excerto de um texto de apresentação de MESHES OF THE AFTERNOON, redigido por Regina Guimarães para o ciclo *O Sabor do Cinema*, realizado entre 2002 e 2014, no Museu de Serralves.

aburguesadas. Assim, nas traseiras das casas de ÂNGULOS MORTOS e nas ruínas abandonadas de TRABALHO DE PRESENÇA, a natureza desenvolve-se livremente, apodera-se destes espaços abandonados, ocupando-os e habitando-os simbolicamente. Uma evidente metáfora política e social. CUBISMO DE SALÃO é filmado no bairro Maladrerie de Aubervilliers, projeto da arquiteta Renée Gailhoustet, construído nas décadas de 70-80 para servir como alojamento social. Uma estrutura habitacional que rejeita qualquer hierarquia – em vez de uma avenida principal, desenham-se várias artérias e recantos. Os espaços verdes e a natureza predominam, tanto nas várias áreas de encontro e convívio como nas varandas com terra destinadas à jardinagem (o projeto previa essa proliferação da natureza sobre o betão dos prédios). O projeto de Maladrerie configura uma total rutura com a distinção entre a fachada – na sua plena aparência ilusória e fraudulenta – e as traseiras, entre o que se dá a ver (a maneira como uma cidade, um bairro, se mostram), e o que se esconde, dando lugar a uma harmoniosa coexistência entre os vários elementos que compõem a arquitetura do espaço. Também neste bairro, as casas são lugares dados à fantasia e ao sonho, em que se pode habitar “*devaneando* com a felina fantasia das gatas”.

Voltemos a TRABALHO DE PRESENÇA, filme que revela a influência (ou homenagem) da obra de Maria Gabriela Llason, autora das palavras que ouvimos no início do filme. O tom místico-religioso com que termina, aproxima-o, numa ligação cósmica, do filme que lhe segue, dedicado a Margarida Guia. Em GUIA, a palavra revela o seu duplo sentido contextual. A câmara segue intermináveis degraus de uma casa abandonada, numa viagem ascendente sobre essa escadaria celeste, como que *guiando* o espectador na sua ascensão (que implicará também, e inevitavelmente, uma certa elevação espiritual). Uma alegoria religiosa tornada evidente pelas várias representações da Escada de Jacob que vão sendo apresentadas ao longo do filme. Conduzidos por essa interminável escadaria que une o universo místico àquele terreno, revelado no final, assim como na história Jacob quando o homem desce da sua devaneação onírica. Num extremo contraste com a imaculada perfeição dos céus, o mundo dos homens mostra os seus contornos dantescos no retrato da crise humanitária.

Sara Oliveira Duarte